Travestis no Vale do Mamanguepe

Variações, identidades e sociabilidade

Verônica Alcântara Guerra

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1875>

DOI: 10.4000/pontourbe.1875

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Verônica Alcântara Guerra, « Travestis no Vale do Mamanguepe », *Ponto Urbe* [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1875> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1875

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Travestis no Vale do Mamanguape

Variações, identidades e sociabilidade

Verônica Alcântara Guerra

Introdução

- 1 Intermediando as capitais João Pessoa/PB e Natal/RN encontra-se Mamanguape¹, situada na BR 101 - via de transporte terrestre que separa a cidade em duas partes distintas -, de um lado encontra-se o centro, comércio, prefeitura e hospital, e do outro, bairros periféricos tais como Planalto, Areal e Cidade Nova. É umas das principais vias de acesso para Rio Tinto, cidade que foi erguida em função da Companhia de Tecidos de Rio Tinto, e Baía da Traição. No Litoral Norte paraibano é a região que abriga o maior número de índios potiguaras da Paraíba.
- 2 Mamanguape possui cerca de 40.000 habitantes e é cortada pela BR 101, fato que favorece a prostituição de mulheres e travestis que têm como principal ponto de trabalho o posto de fiscalização da divisa entre a Paraíba e Rio Grande do Norte, e cabarés que estão situados na margem da BR 101, que funcionam 24 horas, mas seu dinamismo dá-se na parte da noite. Já em Rio Tinto, com 23.023 habitantes, desconhecemos pontos de prostituição de travestis e mulheres; há quem diga que não há, pois o único cabaré, gerenciado por dona Maria e localizado na aldeia Montemor, um antigo bairro da cidade e separado do centro comercial por uma ponte, foi extinto após a sua morte, no final da década de 90. A Baía da Traição tem 7.567 habitantes, e boa parte de sua população é da etnia potiguara e sua economia dá-se basicamente pela pesca em alto-mar.
- 3 Essa pesquisa tem como objetivos observar, descrever e interpretar a construção de identidades de gênero e redes de relações sociais entre travestis da região do Litoral Norte Paraibano, pois no cotidiano dos travestis surgem vários fatos sociais coexistentes no cotidiano trivial da sociedade, mas eles (os travestis) parecem estar distante da realidade social existente, pois não se leva em consideração que eles ajudam a família, cuidam dos maridos, vão a festas e trabalham. Essas ações reproduzem o dia-a-dia habitual de muitas pessoas.

- 4 Desejamos, aqui, entender a construção da identidade do “ser” travesti, não como marginais sociais ou do social, mas como seres humanos que fazem parte do contexto social existente, levando-se em consideração que eles são seres de direito e deveres.

Lugares de observação na cidade de Mamanguape

- 5 A pesquisa em Mamanguape teve como cenário quatro pontos importantes. Primeiro, o *Areal*, bairro periférico de ruas esburacadas e córregos a céu aberto, habitado por uma população de baixa renda. Em boa parte das tardes, pessoas ficam sentadas em cadeiras de balanço e nas calçadas na frente de suas casas, crianças correm de um lado para outro, moto-taxistas ficam parados na esquina, chamando atenção das meninas e travestis que por ali trafegam, vendedores ambulantes de tapiocas, bolos e roupas transitam pelas ruas. Os travestis costumam circular pelo Salão de Beleza D’areal, *point* de informação acerca das notícias e do que acontece com travestis e gays da região. Segundo, o centro da cidade, onde há um maior dinamismo, composto por bancos financeiros, supermercados, lojas de roupas e utensílios domésticos, drogarias, *pet shopping* e salões de beleza. Terceiro, os clubes de festa, onde as atrações musicais predominantes são bandas de forró e de brega, que atraem público de todas as idades, inclusive travestis. Quarto, os postos de gasolina em Mamanguape, adjacentes à BR 101, usados pelos travestis como ponto de prostituição, compartilhados também por mulheres; contudo, cada grupo ocupa um território determinado, mas que não deve ser ultrapassado. Há uma única exceção, do travesti Celebridade, filho do dono de um dos cabarés que fica ao lado da BR 101, que está autorizado a dividir o espaço e as experiências com mulheres prostitutas. Muitos travestis também se deslocam até o posto fiscal da divisa entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, geralmente de carona com caminhoneiros, já que eles são seus clientes mais frequentes.

Construção de identidades fluidas

- 6 A todo instante foi possível observarmos uma elasticidade de identidade com alguns travestis do litoral norte paraibano, no entanto, não há consenso quanto sua identidade. Alguns se definem travestis, pois “nasceram assim”. Outros, vestem-se de mulher, mas afirmam que podem voltar a ser homens, pois ser travesti estaria ligado a uma fantasia que a qualquer momento pode acabar.
- 7 Entendemos “gênero” a partir de Joan Scott (1998), que se refere ao discurso da diferença dos sexos. “Ele não se refere apenas à ideia, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”. A identidade de gênero não se reproduz na realidade biológica primária, mas ele vai construindo o sentido dessa realidade culturalmente.
- 8 Ser travesti, segundo Larissa Pelúcio (2005, p 9)², é algo contínuo e sem fim, que se dividiria nas seguintes etapas:
- a primeira delas é quando se é ainda “gayzinho” [...].A fase seguinte é “montar-se”, vestir-se com roupas femininas, maquiarse a modo de esconder as marcas da barba [...]. Terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais frequentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial da ingestão de hormônio [...] e finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti, além do

consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas.³

- 9 Entretanto, “ser travesti” no Vale do Mamanguape não é só a materialização do desejo de passar-se por mulher na sociedade em que vivem, mas uma forma de sobrevivência através da prostituição, seja no Litoral Norte paraibano, ou no exterior. Marta, travesti da cidade de Mataraca- PB, interior da Paraíba, relatou que já foi estuprada por diversas vezes, e que exerce a profissão não por gosto, mas por necessidade, e nas suas palavras “aquelas pessoas que quando a gente passa fica falando coisa, eles pensa que a gente é assim porque a gente gosta; certo, tem umas que são assim por quererem, mais nem todas”.
- 10 Nessa linha de pensamento, podemos perceber que as formas femininas dadas a corpos biologicamente masculinos transcendem o desejo de ser mulher, para tornarem-se fonte de lucro e bem-estar financeiro, já que muitos dos travestis não tiveram o apoio da família e foram expulsos de casa quando eram apenas adolescentes, deixando de estudar, não alcançando a instrução básica necessária para se inserir no mercado de trabalho formal.
- 11 Nas palavras de Claudia, travesti da aldeia Camurupim, município de Marcação- PB, ser travesti está relacionado ao momento, ou seja, a uma fase da vida que pode passar a qualquer instante:

Eu optei, até porque cada ser humano tem ou eu acho que tem, assim, capacidade de experimentar de cada coisa da vida um pouco, só sabendo aproveitar o momento. Isso para mim é um momento, se der na minha cabeça virar homem, eu corto meu cabelo, arrumo uma mulher e pronto, normal. (03/08/2009)
- 12 Alguns têm receio de tomar hormônio e não poderem “virar homem” novamente e contam relatos de travestis que agora são evangélicos, ou simplesmente, cortaram o cabelo, trocaram a saia por short e “saíram da pista”. Alguns gays relataram que têm a “alma feminina, presa no corpo de homem”. Mas não se vestem como mulher e não se identificam como travestis, apesar de usarem cabelos longos, sobrancelhas delineadas, unhas feitas e vozes afeminadas. Além disso, alguns cabeleireiros gays usam nomes femininos e são conhecidos por esses nomes na sociedade onde são inseridos.

Do cotidiano à rua

- 13 Marta morava com a família de Raiany, na cidade de Mamanguape; na época Raiany tinha 17 anos, era casado com Zequinha, rapaz de 18 anos, que não trabalha e passa o dia inteiro na casa da mãe, sendo Marta a única que contribuía para a alimentação de oito pessoas que moravam na casa, com o trabalho que exercia como prostituta, já que Alberto, patriarca da família de Raiany estava desempregado e passava bêbado boa parte do dia. Raras eram as vezes que Marta não ia “batalhar”⁴ no posto fiscal na divisa da Paraíba com Rio Grande do Norte e, por trabalhar durante a noite, dormia boa parte do dia.
- 14 Certa noite ao visitar seus pais no sítio Uruba, zona rural de Mataraca foi mordida por um cão. Levada para o hospital em Mamanguape, para ser medicada e retornando ao bairro do Areal, passou o dia posterior ao acidente, descansando e cuidando da beleza, com cabelos frisados e touca na cabeça para deixar o cabelo liso, naturalmente ondulado, fazendo as unhas, retocando as sobrancelhas, ouvindo músicas da Banda Calypso, assistindo “Mundo dos Macacos” em DVD na sala de estar, e de vez em quando tecendo comentários sobre a história encenada, os atores, a ficção.

- 15 A rotina da família era bem dinâmica, com crianças correndo de um lado para outro, brincando, brigando e chorando em um pequeno espaço físico. Alberto, pai de Raiany, bêbado como de costume, xingava todos que residem na casa, episódio esse que aumentava a tensão dos que lá estavam presentes. As horas passavam, a noite cai e Marta já se sentia melhor para voltar a “batalha”. O jantar da família percebe-se ser improvisado (cuscuz e ovo), sendo comprado com dinheiro de Marta. Zequinha, o marido de Raiany também travesti, trouxe pão e refrigerante, e assim todos puderam jantar.
- 16 Aproxima-se a hora de Marta começar o ritual realizado todas as noites antes de ir para “pista”⁵. Ela separa a roupa e os acessórios tais como: bolsa onde há várias camisinhas, pulseiras e brincos. Ao definir o que será utilizado durante a noite, ela põe tudo sobre sua cama. Antes de tomar banho, ela janta cuscuz com ovo em uma embalagem plástica de doce, juntos com outros moradores da residência, na cozinha, pois como ela mesma dizia: “*Como primeiro, pra depois fazer o cheque*”⁶. A louça da casa resumia-se em um prato de vidro, várias embalagens de doce, um garfo, uma faca e várias colheres com o cabo torto.
- 17 Após o jantar Marta faz o “cheque”, retira a touca feita de meia calça e os frisos do cabelo, e volta para maquiar-se. Ela deixa transparecer um pouco de nervosismo por não estar sozinha ao maquiar-se: “eu tô borrando tudo, fico nervosa quando tem muita gente”. Para não atrapalhar seu processo de embelezamento, voltei a atenção para Raiany um jovem travesti, a contar a história ocorrida na noite anterior, ao brigar com o pai alcoolizado que tentava bater em Zefinha mãe de Raiany e esposa de Alberto. Raiany protegeu a mãe: “avuei no pescoço dele, ele puxou meu cabelo, bebo tem força visse”.
- 18 Entre uma história e outra de violência e pobreza narrada por Raiany, Marta fica pronta; saímos pela porta dos fundos para evitar o contato com Alberto. Seguimos por ruas estreitas e mal iluminadas do Bairro do Areal. Marta cumprimentava algumas pessoas, em sua maioria homens, alguns a tratavam como se fosse uma conhecida de muito tempo. Ela sempre fazia aquele caminho, praticamente na mesma hora, todos os dias da semana, para ir ao trabalho no Posto de Fiscalização, entre os estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.
- 19 Chegando ao viaduto que separa Mamanguape em duas partes, Marta permitiu que fossem tiradas algumas fotos dela, em “close” no viaduto. . Alguns garotos de motocicleta gritavam ofensas quando passávamos pela rua.
- 20 Marta ficou ao lado de Fórum de Mamanguape, para que de lá ela fosse pegar carona até a divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. O segurança do Fórum que sempre a cumprimentava, nesse dia não o fez, certamente constrangido por ela estar acompanhada. Há um ritual minuciosamente realizado por Marta todos os dias antes de sair: põe-se bela e cheirosa. “Tem gente que vê a gente assim toda arrumada e cheirosa, pensa que a gente teve um dia maravilhoso, mais tu viu como foi”. Ela não leva para rua, extensão de suas práticas privadas, problemas ou angústias que passou durante o dia; ao contrário, usa todo seu encanto e poder de sedução com os clientes.
- 21 Tempos mais tarde, Marta aceitou o convite de sua amiga Rogerinha, também travesti, - que já fazia “programa” em Recife, capital pernambucana, - para se prostituir, conseguindo assim dinheiro mais rápido para pôr prótese de silicone, mas antes disso foi assassinada de forma violenta.

Morte de Marta

- 22 Marta foi o primeiro travesti com quem tivemos contato, na cidade de Mamanguape, no início de 2009. Desde o primeiro encontro, durante a pesquisa de campo e conversas em sua casa, sempre foi simpática e atenciosa. Em nossas conversas, sempre a ouvíamos falar que “gostava de ajudar os outros”. Seu grande sonho era ajudar seus pais e voltar a estudar. E em busca desse sonho, e do desejo de tornar seu corpo mais belo, mais feminino, resolveu seguir seu caminho para Recife e ganhar dinheiro. Mas poucos dias depois foi brutalmente assassinada, como muitas outros jovens travestis, vítimas da violência e da homofobia/transfobia.
- 23 Na capital do estado de Pernambuco no dia 5 de dezembro de 2009 Marta foi assassinada e seu corpo encontrado em Jaboatão dos Guararapes/ PE. A morte de um travesti nas ruas de Recife não é algo surpreendente, pois a capital pernambucana chama a atenção pelo alto índice de violência. O que surpreende foi ter sido Marta, porque era muito discreta, falava o mínimo necessário, sendo raras as vezes a criticar alguém e, quando o fazia, era sobre beleza ou comportamento. Mesmo quando saiu da casa de Raiany, nunca falou mal de Zefinha, mãe desta e dona da casa onde morou em Mamanguape. Querida pelos amigos mais próximos, solidária com a mãe e os irmãos, apesar de ter sido estuprada e expulsa de casa quando era apenas uma criança de 12 anos, que gostava de usar as roupas das irmãs.
- 24 Raiany, amiga e algumas vezes companheira de “batalha” com quem Marta morou por cerca de três anos, a define como:
- (...) uma pessoa que não bebia, não fumava e nem roubava os clientes dela, ainda eu não acredito que aconteceu isso com ele, Rogerinha trouxe fotos. (...) Antes dela viajar, ela chamou minha mãe e deu umas coisas que ela tinha, olha a lembrancinha que eu tenho da minha amiga, [Raiany apontava para a sapateira que Márcia tinha] a cama, ela deu para meu sobrinho⁷.
- 25 Antes de sair de Mamanguape rumo a Recife, Marta chamou a dona-de-casa Zefinha, mãe de Raiany, para doar os poucos móveis que tinha. A morte de Marta foi uma perda muito forte para os familiares, principalmente a mãe:
- [...] Rogerinha a travesti que levou ela (Marta) pra lá, veio com a cafetina pra avisar a família de Marta, disseram que a mãe dela caiu no choro. Reconheceu⁸ o filho, mas também só fizeram isso quando tá morto, tudo que eles fizeram com Marta, o pai estuprou ela, botou pra fora de casa, depois da desgraça feita aí que reconhece o que fizeram.⁹
- 26 Segundo relatório sobre a situação dos direitos humanos na Paraíba em 2009, produzido por organizações não-governamentais, militantes de direitos humanos, coletivos populares e movimentos sociais, mais de 90 pessoas foram assassinadas, e dentre as causas das mortes têm-se: esfaqueamento, tiro, estrangulamento, pauladas, pedradas, queimaduras e mutilação dos órgãos genitais, o que configura crimes com vieses homofóbicos e transfóbicos.

Mobilidade e demarcação de território

- 27 Muitos travestis não são oriundos das cidades onde residem, pois muitos trabalham como prostitutas e moverem-se significa aumentar a quantidade de clientes, além de uma

forma de não ficarem marcadas no mesmo lugar; afinal de contas, “*tudo que é novo é novidade*”, um dos motivos pelas quais eles mudam-se com frequência.

- 28 A mobilidade entre casas da região é realizada com frequência na cidade de Mamanguape e os travestis circulam com muita facilidade. De repente a pesquisa muda de cenário, pois uns travestis mudam-se para outras cidades e outros vêm morar em Mamanguape.
- 29 Marta e Cláudia saíram da casa simples onde moravam, no bairro do Areal; agora as pesquisadas residem em um quartinho alugado no fundo de duas casas às margens da BR 101. Ao entrar em seu quarto, nota-se Natali, travesti alta, de corpo bem definido e feminino; era a companheira de quarto de Marta esporadicamente; ela passa uns dias em João Pessoa e outros em Mamanguape, principalmente em ocasiões festivas e para fazer programa no posto fiscal da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte. Foi uma semana de festividades na cidade de Mamanguape, as meninas saíram todas para festa animada pela atração *Aviões do Forró*.
- 30 Ao conversar com Cláudia, ela nos falou sobre a demarcação de território feita no posto fiscal no qual elas fazem programa; esta demarcação de territorialidade assemelha-se com a etnografia que Don Kullik (1998) faz em Salvador, em que ele descreve a demarcação de território realizada pelos travestis na Bahia, que também é realizada com os travestis da Paraíba. Para um travesti *novo no pedaço* fazer programa tem que pagar, nem que seja um jantar para os travestis veteranos.
- Quando a gente vai no lugar delas elas cobram da gente, então quando elas vêm aqui eu faço questão de cobrar. Tem uma travesti que vem de Goiana [cidade que fica na divisa de Paraíba e Pernambuco] pra cá, e toda vez eu faço ela pagar meu jantar, se não ela não fica. (Cláudia, travesti na Aldeia Camurupim, Marcação/PB)
- 31 Essa demarcação de territorialidade dá-se tanto na capital, João Pessoa, quanto nas cidades do interior. Em certas situações, em que travestis vão para um lugar sem a companhia de uma amiga, pode haver briga não somente verbal quanto física com as que já frequentam ponto há mais tempo.

Família e identidade

- 32 Em conversa informal com Natali, constatamos que a precocidade com que o “gayzinho” se transforma em travesti é muito comum. Natali veste-se de mulher desde os treze anos; o pai, por não aprovar o trejeito do filho, expulsou-o de casa, outro fato que também é comum com outros travestis: serem postos para fora de casa pelo pai.
- 33 Raiany é uma dos poucos travestis pesquisados que mora com a família e o marido na mesma casa, e o fato de ser casada com companheiro ciumento evita com que ela tenha contato frequente com outras pessoas, a não ser a própria família, que ganhou uma nova integrante, pois a filha de Nini, irmã de Raiany, havia nascido. Tirei algumas fotografias dela com o bebe recém-nascido para que ela tivesse lembrança da criança. A fotografia é uma forma de interação com os travestis, já que muitos gostam de ser fotografados quando arrumados. Raiany também deu à luz a um “bebê boneca”, e que gostaria que fosse tirado foto dele. Raiany explicou que pegou um caixote de madeira de carregar verdura na feira, fez um berço e, em seguida, pôs uma boneca que a cunhada dela havia lhe dado de presente, e concluiu dizendo que sabe fazer “artesanato” e que era muito habilidosa com as mãos.

- 34 Essa atitude só exterioriza mais o desejo de se sentir mulher por parte dela. “Eu já acostumei, eu me sinto mulher. Eu quero assim uma pessoa que tome conta de mim do jeito que eu sou. Assim igual uma mulher normal, eu quero é ser mais mulher daqui para frente”.
- 35 Na etnografia realizada por Marcos Beneditti (2005) com travestis de Porto Alegre, ele destaca que a maioria das famílias dos travestis com que teve contato durante a pesquisa, “tem trajetória das classes de baixo nível econômico”, mesmo que possa ser possível detectar algumas diferenças nos níveis de renda, “o histórico de privações materiais e trabalho intenso é uma constante na vida de travestis”. Mesmo sendo trabalhos realizados com diferença local e temporal, pode-se perceber que as famílias de travestis, tanto em Porto Alegre, quanto no litoral norte da Paraíba, não se distanciam no que diz respeito a seus níveis econômicos.
- 36 Para Hélio Silva, (2007, p 182) em seu livro *Travestis: entre o espelho e a rua*:
parece que o travesti assiste a seu próprio nascimento e se diz pela primeira vez: eu sou menina. E toda sua vida será consumida na produção e proteção dessa menina, que reivindica para si todas as complexas aspirações de qualquer outra, inclusive a mais notável sobre elas: torna-se mulher.
- 37 Ao analisar as transformações corporais de travestis do Vale do Mamanguape, foi possível notar a precocidade com que elas são realizadas. É ingerido hormônio feminino quando se é ainda muito jovem, por volta de 12 anos, pois para eles o quanto antes é melhor para dar ao corpo biologicamente masculino traços arredondados, para que fique mais parecido com aspecto feminino; no entanto, tornar-se mulher não é um desejo compartilhado por todos os travestis no litoral norte paraibano e há aqueles que querem “virar homem”, o que poderia se chamar de variação de gênero.

Virar homem?

- 38 O discurso envolvendo o assunto “*virar homem*” era bastante mencionado e ao debater sobre tal tema, chegamos à seguinte conclusão: virar homem, naquele contexto, não estaria ligado ao fato de torna-se heterossexual, mas também à estética do corpo pois muitos pensam que deixar de lado os cabelos longos, roupas sumárias e o salto alto, proporcionar-lhes-iam maiores chances de conseguir um emprego formal, na maioria das vezes, no comércio da cidade.
- 39 Em conversa informal com Celso, ex-travesti, este relata que a decisão de “virar homem” não estava diretamente relacionada ao desejo heterossexual mas intimamente ligado à inserção no mercado de trabalho formal: “Ser assim como elas (travesti) é muito difícil arrumar um emprego”.
- 40 No entanto, há outros que querem voltar a ser homem e constituir uma família e ter filhos, pelo fato de não quererem envelhecer travesti, pois, como ressalta Cláudia: “travesti velho é feio”. Mas há aqueles que desejam ser apenas “gayzinho”, concluir os estudos e trabalhar formalmente:
Se eu pudesse, eu não seria desse jeito (travesti) assim não, mas pelo que o meu pai faz comigo eu não tive escolha, por mim, eu queria terminar meus estudos, trabalhar e ajudar em casa, mas ele me expulsou [...] eu entendo ele, ele tava com medo que eu falasse pra os zoto o que ele fez comigo [...] se tu visse a cara dele, parece um santo.¹⁰

- 41 Mário que virou Marta é o único travesti entre os dezessete filhos do casal, do interior da Paraíba; era uma menina, no sentido subjetivo do termo, que tinha vontade de ajudar a família e sempre presenteava as irmãs e com isso conseguia ser aceita como uma delas.

Violência: roubo ou “elza”?

- 42 A violência fez-se muito presente durante a pesquisa, marcada por relatos de tortura, tentativa de homicídio e assassinato de travestis. Dessa vez, foi com Ilma, travesti secretária do lar que trabalhava na pousada das Ocas, na Baía da Traição, com carteira assinada, o que não é muito comum de acontecer, apesar de ser lei, em que todos os trabalhadores devem ser devidamente registrados.
- 43 Cláudia, ainda triste por causa do assassinato da amiga Marta, foi quem falou de Ilma, travesti de 30 anos, que não se prostituía, e que sofreu um atentado contra sua vida por falar mais do que devia. O motivo para tal violência, nas palavras de Cláudia, foi:
- [...] o ex-caso de Ilma era um macho casado, e ela pra dar uma de gostosa foi falar pra mulher dele e saiu dizendo que penetrava ele, e você sabe essas coisas não se comenta. Ela sabia que ele era perigoso, ex-presidiário e tava solto há dois meses, ele já tentou pegar ela antes, mas não deu, dessa vez ela foi pra festa de Reis em Itatororoca e ele não saía do pé dela, ela entrou no carro (lotação) pra vir embora e ele entrou atrás, os dois ficaram bebendo ali (apontou com o dedo para um barzinho do outro lado da BR 101, próximo ao cabaré Tropical), depois ele chamou ela pra sair e veio ali pra trás, ele retalhou o corpo dele com se retalha peixe, cortou o cabelo aqui de trás (mostrando a parte da nuca) com couro e tudo, arrancou 3 dedos da mão direita, cortou a boca (sentindo bochecha para os dois lados) 50 facadas e várias pauladas.¹¹
- 44 Ilma não morreu, mas ficou internada na UTI de João Pessoa por alguns dias. Cláudia relatou que Marta também foi muito torturada antes de morrer, sofreu choques, quebraram-lhe as duas pernas e deram oito tiros; tais informações, segundo ela, foram dadas através do laudo médico. Cláudia, ainda sentida pela morte da amiga, mostrou duas fotos em que estavam juntas, em roupas íntimas; ambas usavam calcinha. Relatando os vinte dias no qual ela ficou muito mal, disse que, quando Robertinha - travesti que convidou Marta para fazer programa em Recife- PE - e a cafetina vieram avisar sobre a morte de Marta, foi ela quem levou as duas na casa dos pais de Marta, mencionou o fato de a amiga ter sido morta, na madrugada do dia 6 de dezembro de 2009, e que na segunda-feira da semana seguinte iria levar dinheiro para os pais, no sítio Uruba, município de Mataraca. O dinheiro, que supostamente Marta levaria para os seus pais, não apareceu.
- 45 O ato de furto e roubos realizado contras as travestis é mais comum do que se imagina e, na maioria das vezes, elas não vão à polícia, por conhecer o seu agressor e não querer causar revanche por parte deles. “Toda vez acontece isso com a gente, a gente é muito visada, todo canto que a gente mora acontece, eles entram para roubar.” (palavras de Marta)
- 46 Ao perguntar a Brenda, travesti de 18 anos, que mora com os avós em Mamanguape, sobre a “elza”, nome usado para indicar roubo realizado por muitos travestis e prostitutas, frequentemente, contra os seus clientes, ela diz:
- 47 “eu num dou a elza em todos os clientes, é só naqueles que a gente faz programa e não quer pagar, ai eu dou a elza neles.”

- 48 A “elza”, nesse contexto, é uma forma de vingança contra os clientes que não pagam devidamente o trabalho feito por elas. “Elza” também é usada como um código por elas, como formas de proteção contra os clientes que as travestis já sabem que costumam roubar, antes ou após o programa. Geralmente elas usam a seguinte frase: “*cuidado mona, olha a elza*”.

Considerações finais

- 49 Os travestis no Vale do Mamanguape vão construindo suas identidades, muitas vezes, a partir de uma auto-orientação, e depois com a ajuda de amigas mais velhas transformam-se em travestis. Para essas pessoas, a subjetividade feminina se expressa por meio de uma estética própria, com muitas curvas e roupas provocantes. Mas isso não é uma regra aplicada a todos, pois há os que se reconhecem como travestis sem abrir mão da sua subjetividade masculina, mantendo esporadicamente desejos e relações até mesmo sexuais com mulheres e buscando uma matriz heterossexual em suas práticas e visões de mundo.
- 50 Observamos uma fluidez da identidade de gênero e dos relacionamentos de socialização que há entre eles. A todo o momento eles reconstroem e desfazem suas redes de relações e apresentam uma constante mobilidade por países, estados, cidades e residências na região. Mover-se faz parte da construção de sua identidade e composição de sua sociabilidade. Essa flexibilidade apresenta-se também pelo fato de muitas usarem a prostituição como fonte de renda.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A princesa**: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape, a fênix paraibana**. Campina Grande, Paraíba: Grasfset, 1986.
- Da MATA, Roberto. **A casa e a rua**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DON, Kulick. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
- Foucault, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999. v. 2.
- Patrício, Cecília. **No truque**: Transnacionalidade e Distinção entre travestis brasileiros. UFPE/CFCH. Antropologia, Recife/PE, 2008.
- _____. **Travestismo**. Mobilidade e construção de identidade em Campina Grande. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, Recife, 2002.
- Pelúcio, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005.

----- . Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais. **26ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Porto Seguro, Bahia, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, 2003.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NOTAS

1. Os indicadores sociais de Mamanguape e Rio Tinto estão entre os piores da Paraíba: expectativa de vida na ordem de 58,7 anos, taxa de mortalidade infantil de 67,4 por 1.000 crianças nascidas de 0 até um ano de idade e a taxa de analfabetismo da população de mais de 15 anos de 46%. Em 2003, apresentava um PIB na ordem de R\$ 492.656 mil, representando apenas 3,6% do PIB paraibano (IBGE). Pelo Censo 2000, Mamanguape apresentava 50% de seus habitantes sem nenhuma renda enquanto que Rio Tinto acompanha este quadro: 47% sem rendimento. Mesmo considerando a posição que ocupa o Estado, como detentor da terceira maior taxa de analfabetos entre os estados nordestinos. Segundo o IDEB (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), em 2005, a taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais era de 33,7% em Rio Tinto e de 38,3% em Mamanguape.
2. Larissa Pelúcio é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e tem experiência nas áreas de Antropologia e Sociologia. Suas pesquisas abordaram temas como sexualidade, saúde, corporalidade, travestis e gênero.
3. Cadernos pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.217-248.
4. O verbo “batalhar” é usado por muitos travestis para designar o ato de prostituir-se.
5. Nome dado para o local onde travestis e prostitutas atendem os clientes.
6. Cheque é uma expressão usada por muitos gays e travestir para designar a limpeza anal, e evitar resquícios de fezes no ato da penetração anal.
7. Conversa informal na casa onde Raiany mora com a família no bairro do Areal na cidade de Mamanguape- PB no dia 17/12/2009.
8. O “reconhecer” mencionada por Raiany está ligado à concepção de reconhecer o que ele significava para eles. Os pais do travesti assassinada não tiveram condições financeiras para transportar o corpo do filho. Márcia foi enterrada no Recife.
9. Idem para nota de rodapé 7.
10. Entrevista concedida em um quartinho alugado por Marta às margens da BR 101, na cidade de Mamanguape- PB no dia 16/09/2009.
11. Entrevista informal, na calçada do quartinho alugado por ela, às margens da BR 101, na cidade de Mamanguape- PB, em 9 de janeiro de 2010.

RESUMOS

Esta pesquisa tem como objetivos observar, descrever e interpretar a construção de identidades de gênero e redes de relações entre travestis na região de Mamanguape, Rio Tinto, Baía da Traição. Pôde-se observar uma fluidez da identidade de gênero e dos relacionamentos de

socialização que há entre travestis do Litoral Norte da Paraíba, através de pesquisa participativa com as travestis do Vale do Mamanguape. A todo o momento elas reconstroem e desfazem suas redes de relações e apresentam uma constante mobilidade por países, estados, cidades e residências na região. Esta fluidez apresenta-se não somente pela ocupação que exercem como prostitutas, mas pelo modo como constroem sua identidade e tecem sua sociabilidade.

ÍNDICE

Palavras-chave: travestis, sociabilidade, mobilidade

AUTOR

VERÔNICA ALCÂNTARA GUERRA

graduanda em Antropologia na UFPB - Universidade Federal da Paraíba

well_guerra@yahoo.com.br